

Professores que rotulam

Bruna Amaral Bernardo¹
Adriana Soares²

Resumo: Este artigo visa mostrar motivos e soluções para o hábito que professores possuem de rotular alunos, na maioria das vezes sem a intenção de prejudicá-los, mas mesmo assim, esse hábito impede os alunos de arriscar novas maneiras de se comportar e os fazem se sentir diferentes dos demais colegas. É um ato de preconceito que deve ser impedido para que se evitem problemas na educação e no aprendizado das crianças, pois quando um aluno é rotulado pelo professor, cada vez mais ele adquire a postura citada pelo mesmo.

Palavras-chave: Professores. Rótulos. Alunos. Preconceito.

Abstract: This article aims to show the reason and the solutions for the habit that teachers have to label students, often without the intention to affect them, but at the same time this habit can stop the students to risk new ways of behavior and make the students feel different from other classmates. Labeling is a prejudice act that must be avoided to avert problems in children's education and learning, because when a student is labeled by the teachers, more and more this student acquires the attitude that the teacher Said.

Keywords: Teacher. Labels. Students. Prejudice.

Introdução

As primeiras experiências de estágio são, sem dúvida, um grande aprendizado na vida de qualquer professor, mas entrar em uma sala de aula sabendo exatamente quem serão seus alunos pode não ser uma experiência muito produtiva, pois podemos formar uma ideia errada da turma.

Nada mais comum do que ingressar em uma escola e ouvir dos titulares e demais funcionários: “O Joãozinho atrapalha a aula...”, “O Lucas é o bagunceiro...”, “Luana é aquela magrinha que não se enturma com ninguém...”, “Mariazinha só bajula os professores...”. Até então, não encontraríamos grandes problemas nessa situação contanto que nenhum desses alunos fossem omitidos no decorrer das aulas, o que não acontece na maioria das vezes.

Devido às dificuldades de lidar com essas crianças e muitas vezes ao descaso dos seus próprios pais, elas são facilmente esquecidas. Logo esses alunos deixam de

¹ Acadêmica do curso de Letras Licenciatura Plena da FACOS – Faculdade Cenecista de Osório

² Professora Ms. pela PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e atualmente professora da FACOS- Faculdade Cenecista de Osório

receber educação para receber rótulos e automaticamente se culpam por seus desempenhos ruins.

Isso pode até mesmo prejudicar o estagiário, pois no momento em que ele deixa de se preocupar com esses alunos, ele esquece que a sala de aula também é feita de desafios.

Professores e o preconceito na sala de aula

“(…) Corriqueiro entre os professores e gestores escolares, o hábito de rotular estigmatiza as crianças e as desestimula a aproveitar uma das grandes vantagens do ambiente escolar: A liberdade para experimentar papéis e posturas.” (POLATO, 2009)

O preconceito nas escolas é um ato extremamente prejudicial a qualquer criança, ele exclui e prejudica até mesmo no desempenho escolar. Pior do que quando vem de um colega, o rótulo quando vem de um professor, faz o aluno realmente acreditar que ele possui os modos e características que os colegas já citam. Não é uma atitude proposital, mas os professores devem evitar tratar o aluno pelas suas características e começar a tratá-lo como um todo.

“(…) Os professores têm dificuldades com os gabaritos que fogem a uniformidade e dão ratas abertamente fatais: “Você, que é alto, ponha a data no quadro...”, “Suba na cadeira, meu caro, para fazer o desenho...” . A intenção não é maldosa. Ela mostra a extrema dificuldade dos professores em admitir que os alunos têm corpo.” (GENTZBITTEL, 1993, p. 110)

O professor, ou melhor, os adultos, não consideram os jovens e crianças como iguais, “os cortam em fatias” (Gentzbittel, 1993, p.110), como se fossem inferiores e não fossem “completos” como eles.

Algumas vezes, o preconceito do professor pode vir de acordo com o aprendizado do aluno, fazendo o docente pensar que os alunos de hoje já não são os mesmos de ontem, tem-se a ideia de que hoje, o jovem não estuda e não tem mais os mesmos interesses. Isso porque a ideia que os docentes criaram da infância durante a sua formação, muitas vezes, discorda da dos jovens e crianças de hoje.

“(…) As formas adolescentes e juvenis de sobreviver, de pensar e de comportar-se se chocam com nossas formas pedagógicas e docentes de pensar e de pensá-los. Formas a que não estamos acostumados, uma vez que os alunos parecem revelar que vêem o mundo, a escola e o

conhecimento, a vida e seus mestres em outra lógica do que a nossa.”
(ARROYO, 2004, p.36)

Esse choque de ideias prejudica o relacionamento entre aluno e professor, e nesse caso o rótulo aparece devido ao comportamento do aluno. “João é preguiçoso...”, “Julia não estuda...”, “Maria não faz o dever...”. Imagens construídas pelo docente fazendo-o, na maioria das vezes, desistir do aluno.

A partir daí, o próprio aluno tendo conhecimento desses comentários, passa a acreditar que é assim, e por não receber atenção e apoio como os demais colegas, aceita essa posição.

Como uma espécie de desculpa, esses rótulos passam a ser justificados por fatores como: o nível socioeconômico baixo do aluno, a vida pessoal da família do aluno (famosa família desestruturada) e a criança ser negra. Tanto que os maiores índices de reprovação e exclusão escolar ocorrem com alunos que estão dentro dos dados citados acima, porém a causa não é essa e sim a discriminação.

“(...) ainda são os alunos negros que mais lentamente são absorvidos pelo sistema educacional ou mais cedo são dele excluídos. A situação discriminatória é, portanto, mais forte do que a diferença socioeconômica.”
(ABRAMOWICS, 1997, p.31)

Sendo assim, pode-se dizer que ser negro, de classe social baixa e de “família desestruturada” não é a causa do aluno deixar de estudar, ser reprovado e excluído é, na verdade, uma desculpa para o preconceito.

É necessário que se deixe de lado a vida que o aluno leva fora do ambiente escolar, por mais que essa vida possa influenciar na sala de aula, deve-se manter a concentração no aprendizado do jovem. Deixar de acreditar no potencial do aluno, apenas ajuda a piorar cada vez mais a educação do nosso país, que não precisa apenas de alunos, mas sim de professores competentes que acreditem na educação.

Culpar o governo, a ida indigna que o estudante possa levar fora da escola e a sociedade onde vivemos apenas nos fazem aceitar essa situação. Falar não traz soluções, o professor de hoje precisa agir e não desistir, não pela escola, mas pelos

alunos que, independente da vida que levam, procuram no ambiente escolar talvez um refúgio ou um lugar onde possam ser mais felizes.

“(…) Todos nós somos responsáveis pela situação que aí está: seja porque fomos coniventes de alguma maneira (como não escolhendo adequadamente os nossos representantes), seja porque praticamos a velha política do *faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço.*” (SILVA, 2004. P.154)

É preciso que o estudante sinta que o professor se preocupa e se interessa pelo seu aprendizado e que não o exclua ou o deixe de lado por uma característica pessoal, pois a convivência entre alunos é difícil e se o professor não entende e rotula uma criança que tem problemas de interação a situação se agrava. Para ajudar, muitas vezes, é necessário se colocar no lugar do aluno para compreendê-lo.

Considerações finais

Devemos “substituir a cultura da culpa pela da responsabilidade” (Silva, 2004, p.155), muitas pessoas podem pensar que não devem se preocupar com esse assunto, mas essas pessoas provavelmente já estiveram dentro de uma sala de aula um dia e sabem o quanto ela foi importante para a construção do seu caráter e da sua vida e o quando será importante para a vida de seus filhos no futuro. Todos nós somos responsáveis pela educação, afinal de contas, independente da profissão escolhida para o nosso futuro, nesse caminho passaremos pela escola, seremos alunos e teremos professores.

“Os valores morais e éticos estão cada vez mais ocupando posição periférica na sociedade” (Silva, 2004, p. 202), e sendo na escola e no ambiente familiar que esses valores se encontram é de grande importância que esses dois sistemas andem de mãos dadas: A escola e a família.

Referências

ABRAMOWISCZ, Anete; MOLL, Jaqueline (orgs.). **Para além do fracasso escolar.** Campinas: Papirus, 1997.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas**: Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres. Petrópolis: Vozes, 2004.

GENTZBITTEL, Marguerite. **A causa dos alunos**. São Paulo: Summus, 1993.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

POLATO, Amanda. **Aproveitamento escolar**: Educar sem rótulos. 2009. Disponível em: <[HTTP://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/educar-rotulos-450070.shtml](http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/educar-rotulos-450070.shtml)>. Acesso em: 01 dez. 2011.